

MARIO SOARES NETO

DE MARX PARA LAURA E PAUL LAFARGUE EM PARIS
[LONDRES, 5 DE MARÇO DE 1870]

Recebido em 26/10/2021

Aprovado em 10/11/2021

DE MARX PARA LAURA E PAUL LAFARGUE EM PARIS [LONDRES, 5 DE MARÇO DE 1870]

Apresentação à carta de Marx para Laura e Paul Lafargue em Paris

O trabalho que ora apresentamos ao público leitor em língua portuguesa é a tradução de “*Marx to Laura and Paul Lafargue in Paris*”, correspondência enviada de Londres, em 5 de março de 1870.

A carta do acervo pessoal de Karl Marx – até então inédita no Brasil – foi originalmente publicada no volume 32 da segunda edição russa das obras de Marx e Engels lançada em Moscou no ano de 1964¹. Em 1971, um pequeno trecho deste documento constou na obra *Ireland and the Irish Question*² e posteriormente, em 1979, apareceu um extrato em *The Letters of Karl Marx*, com seleção, tradução, notas explanatórias e introdução de

MARIO SOARES
NETO

Advogado, Professor e Pesquisador. Mestre em Direito pelo Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal da Bahia (PPGD-UFBA). Coordenou o *Curso Marxismo e Pan-Africanismo* (FDFBA, 2018; 2019). Idealizador e organizador do *Curso Marxismo e Questão Racial* desenvolvido no âmbito do *Grupo de Estudos Direitos Humanos, Centralidade do Trabalho e Marxismo*, da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (DHCTEM/USP). Autor de *Superexploração racial da força de trabalho no capitalismo contemporâneo e o Direito: Teoria Marxista da Dependência (TMD) & Crítica da Economia Política do Racismo* (no prelo).

¹ Nesta primeira edição foi reproduzido o texto integral da correspondência de Marx traduzida do inglês para a língua russa. Ver К. Маркса и Ф. Энгельса. Собрание сочинений К. Маркса и Ф. Энгельса. Издание второе. Том 32. Москва: ИЗДАТЕЛЬСТВО ПОЛИТИЧЕСКОЙ ЛИТЕРАТУРЫ - ИНСТИТУТ МАРКСИЗМА-ЛЕНИНИЗМА ПРИ ЦК КПСС, 1964, cc. 545-550 [MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Obras coletadas de Karl Marx e Friedrich Engels*. Segunda edição. Volume 32. Moscou: Editora de Literatura Política - Instituto de Marxismo-Leninismo anexo ao Comitê Central do PCUS, 1964, pp. 545-550]. As obras de Marx e Engels em língua russa estão disponíveis em: <http://uaio.ru/marx/> e <https://www.marxists.org/russkij/marx/cw/>. Acessos em: 12/11/2021.

² Ver MARX; Karl; ENGELS; Friedrich. *Ireland and the Irish Question*. Moscou: Progress Publishers, 1971. Na referida publicação constam apenas dois parágrafos desta carta, nos quais Marx fez referência ao apoio das filhas Tussy e Jenny a causa dos fenianos, bem como à sua própria atuação no âmbito da Internacional em defesa dos irlandeses. Marx demonstrou a importância estratégica da luta revolucionária na Irlanda como forma de enfrentamento ao Império Britânico (os trechos estão localizados na página 404).

Saul K. Padover³. A primeira publicação integral em língua inglesa desta correspondência foi devida ao empreendimento da *Marx & Engels Collected Works*⁴.

Do número 1 da *Maitland Park Road* em Londres – residência da família Marx entre 1864 e 1875 – a carta de *Marx para Laura e Paul Lafargue em Paris* foi escrita em inglês e com inúmeros trechos em francês⁵. Diante das complexidades do texto, a nossa tradução do referido material teve que cotejar diferentes terminologias e estruturas linguísticas visando escolher as melhores opções para “virar as línguas” na transladação ao português, como ato científico, político e cultural, que não pretendeu expressar nenhuma “neutralidade axiológica”. Quando, ao contrário, o ato de traduzir Marx exige-nos fidelidade ao texto do autor e, fundamentalmente, uma espécie de recriação textual que carrega *em si* e *para si* uma visão filosófica de mundo e a defesa da perspectiva da revolução proletário-socialista.

Tomamos conhecimento da referida carta no curso da pesquisa que empreendemos sobre *crítica da economia política do racismo* com base nas obras de Marx, Engels, Lênin, Trotsky, Raya Dunayevskaya, Claudia Jones, Kevin Anderson, Hakim Adi, Melvin Leiman e, principalmente, a partir do trabalho de August H. Nimtz Jr. – o primeiro autor que identificamos ter feito referência a esta correspondência⁶.

³ Ver MARX, Karl. *The Letters of Karl Marx*. Selected and translated with explanatory notes and an introduction by Saul K. Padover. Nova Jersey: Prentice-Hall Inc., Englewood Cliffs, 1979. Não conseguimos consultar o texto desta publicação. Assim, desconhecemos qual parte da carta foi publicada nesta edição norte-americana. Uma possibilidade é que tenha ocorrido a reprodução do mesmo trecho da edição anterior.

⁴ A MECW foi editada em inglês entre 1975 e 2005 pelas editoras Lawrence & Wishart (Londres) e International Publishers (Nova York). A referida correspondência entre Marx, Laura e Paul Lafargue consta no número 43 da MECW, publicado pela primeira vez no ano de 1988. Posteriormente, todos os 50 volumes da coleção ganharam uma nova edição em 2010. Ver MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Marx & Engels Collected Works*. Volume 43. Letters 1868-70. Londres: Lawrence & Wishart, 2010.

⁵ “A família Marx escrevia suas cartas em muitas línguas. A correspondência entre eles podia ser em inglês, francês ou alemão – e muitas vezes nas três línguas juntas –, com toques peculiares de italiano, latim e grego”. Ver GABRIEL, Mary. *Amor e capital: a saga familiar de Karl Marx e a história de uma revolução*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 14.

⁶ Ver tópico intitulado “Marx on Race” in: NIMTZ JR., August H. *Marx, Tocqueville, and Race in America*. Nova York: Lexington Books, 2003, pp. 158-161.

Marx começou a escrever expressando preocupações em relação à família. Poucos dias antes desta comunicação, a sua neta, filha mais nova de Laura e Paul Lafargue havia falecido em Paris – não chegando a completar sequer dois meses de vida. Por outro lado, o neto Schnappy, filho mais velho do casal, encontrava-se gravemente enfermo. Solidarizando-se com a perda irreparável e com as dificuldades vivenciadas por eles, Marx demonstrou-se profundamente afetuoso. Laura era a sua “doce ex-secretária”, filha que tanto contribuiu para as traduções e publicações das obras do pai. Lafargue – um companheiro comunista da Primeira Internacional – era tratado como um filho querido.

A questão racial perfaz aspecto central da presente correspondência. Marx utilizou desta carta para demonstrar suas discordâncias profundas com as ideias pseudocientíficas de Arthur de Gobineau – contrapondo-se à lógica de classificação hierárquica das raças e ridicularizando o argumento de que a raça branca seria uma espécie divina perante outras raças humanas –, questionando, portanto, a noção de supremacia racial branca. Em suas obras, principalmente em *O capital* e nos *Escritos sobre o colonialismo* e *Escritos sobre a Guerra Civil Americana*, Marx e Engels desenvolveram a perspectiva teórico-metodológica e política de crítica ao paradigma racial-colonial tão presente no pensamento social da Europa do século XIX.

Decerto, em oposição a Gobineau, Disraeli, Gumpłowicz, Spencer, dentre outros, os fundadores do materialismo histórico dialético rejeitaram a noção de “luta de raças”, afirmando a teoria da luta de classes como princípio motor do desenvolvimento histórico, posicionando o debate teórico-político em defesa da emancipação dos explorados e oprimidos, de forma absolutamente distinta, portanto, dos termos impostos pelos autores do campo do racismo científico⁷.

⁷ Ver, principalmente, o capítulo “El darwinismo social, el racismo y el fascismo” in: LUKÁCS, György. *El asalto a la razón: La trayectoria del irracionalismo desde Schelling hasta Hitler*. México; Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 1959.

Num dos trechos da referida carta, Marx afirmou que Gobineau era um daqueles sujeitos que nutria profundo rancor contra a raça negra. Sobre este aspecto, ademais, Marx forneceu-nos uma valiosa compreensão sobre a ideologia e a subjetividade racistas moderno-contemporâneas, referindo-se à necessidade e satisfação destas pessoas de sentirem-se superiores aos outros⁸.

Há evidências de que Marx debatia sobre a questão racial com Paul e François Lafargue. A frase que também aparece em *O capital* – “o trabalhador de pele branca não pode emancipar-se onde o trabalhador de pele negra é marcado com ferro em brasa”⁹ – originou-se em correspondência de 12 de novembro de 1866 com o pai de Lafargue. Em sua *magnum opus* esta sentença consta no capítulo sobre a jornada de trabalho. A tese evidencia, além de outros aspectos, a unidade dialética de raça e classe no pensamento de Marx e uma profunda reflexão deste autor no sentido de compreensão acerca da divisão sociorracial do trabalho, apontando para a necessidade da unidade da classe trabalhadora em prol da emancipação humana como forma de superação da clivagem racial.

⁸ O mito do “Marx racista”, tão propalado nos dias atuais, não tem materialidade. Marx era pertencente a uma família de judeus perseguidos na Europa do século XIX. Nos círculos familiares era conhecido como “Mouro”, em virtude da sua pele escura. Marx sofria o racismo – por ser judeu, por ter a pele escura, por ser um imigrante e refugiado e por ser pobre. No plano filosófico, ao advogar a teoria da luta de classes em detrimento das teorias de hierarquização racial, Marx postulou o antirracismo. No plano político, as lutas empreendidas no âmbito da Associação Internacional dos Trabalhadores em defesa da abolição da escravidão nos Estados Unidos e pela libertação dos fenianos irlandeses constam apenas como dois exemplos que evidenciam este aspecto. A práxis revolucionária de Marx e Engels como dirigentes comunistas favoráveis à total emancipação humana constitui elemento decisivo nessa discussão. O referido mito foi questionado pela escritora e jornalista que analisou praticamente toda a correspondência familiar de Marx – segundo a qual, “é muito evidente que Marx e Jenny não eram racistas, porque não se opuseram ao casamento da filha com um homem mestiço, e porque Marx expressou com estrondo sua posição contra a escravidão”. GABRIEL, Mary. *Amor e capital: a saga familiar de Karl Marx e a história de uma revolução*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 14. Ademais, não podemos desconsiderar o seguinte entendimento: “o conceito de trabalhador elaborado por Marx não se limitou aos homens brancos europeus, ao contrário, incluiu [...] negros superexplorados e, portanto, trabalhadores duplamente revolucionários”. ANDERSON, Kevin B. “Classe, gênero, raça & colonialismo: a ‘interseccionalidade’ de Marx” [Tradução de Mario Soares Neto], *Revista Direito e Práxis*, vol. 12, n. 2, pp. 1499-1526, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/issue/view/2462>. Acesso em: 07/10/21.

⁹ Ver MARX, Karl. “Marx to François Lafargue in Bordeaux [London, 12 November 1866]” in: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Marx & Engels Collected Works*. Volume 42. Letters 1864-68. Londres: Lawrence & Wishart, 2010, p. 334. Ver, também, MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. Volume I. Livro Primeiro (O processo de produção do capital). Tomo I. São Paulo: Nova Cultural, 1988, p. 228.

A Questão Irlandesa e a luta de libertação dos fenianos aparecem na correspondência como parte das lutas sociais que contaram com o decisivo engajamento da família Marx e da Primeira Internacional. Ademais, tais elementos também expressaram a contradição étnico-racial e nacional existente no Império Britânico da época.

Curioso notar que, seguindo a mesma linha da referida carta direcionada a Laura e Paul Lafargue, a correspondência de Marx para Meyer e Vogt em 9 de abril de 1870 expressou o seguinte:

Todos os centros industriais e comerciais da Inglaterra agora possuem uma classe trabalhadora dividida em dois campos hostis, os proletários ingleses e os proletários irlandeses. O trabalhador inglês comum odeia o trabalhador irlandês como um concorrente que reduz o seu *padrão de vida*. Em relação ao trabalhador irlandês, sente-se membro da nação dominante e, por isso, torna-se um instrumento dos aristocratas e capitalistas contra a Irlanda, reforçando assim o domínio sobre si mesmo. Ele cultiva preconceitos religiosos, sociais e nacionais contra o trabalhador irlandês. Sua atitude em relação a ele é muito semelhante à dos *brancos pobres* para com os *negros* nos antigos estados escravistas dos Estados Unidos¹⁰.

Neste documento, Marx compreendeu o fenômeno do racismo incrustado na classe trabalhadora como óbice à sua autoemancipação. A passagem supracitada torna evidente a cisão operada no seio do proletariado com base em critérios sociais, nacionais e étnico-raciais. Destarte, o processo de acumulação e reprodução do capital estabelece a lógica da concorrência generalizada como forma de manutenção do poder econômico, político e ideológico da classe burguesa, que é constituída historicamente à luz do princípio da branquitude.

Aspecto fundamental presente nesta carta refere-se aos comentários de Marx sobre as possibilidades de uma revolução social na Rússia, o que demonstra a sua defesa em torno de estratégias e caminhos abertos não evolucionistas e multilineares de desenvolvimento da revolução, numa dimensão dialética,

¹⁰ MARX, Karl. "Marx to Sigfrid Meyer and August Vogt in New York [London, 9 April 1870]" in: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Marx & Engels Collected Works*. Volume 43. Letters 1868-70. Londres: Lawrence & Wishart, 2010, pp. 474-475.

não adstrita aos países de industrialização avançada. A visão de Marx não se restringia às sociedades ocidentais – é o que evidenciam seus escritos sobre a propriedade comunal russa e os cadernos sobre o Sul da Ásia, Norte da África, América Latina e outras sociedades agrárias no século XIX¹¹. No entanto, para Marx, o triunfo da revolução socialista pressupõe o pleno desenvolvimento das forças produtivas materiais. Como estratégia internacionalista, a transformação da ordem burguesa poderia ser deflagrada em “países atrasados” apenas como “ponto de partida” de um processo histórico-mundial¹².

Por óbvio, nenhuma das nossas questões inicialmente elencadas tem o condão de substituir a leitura do texto de Marx. Então, passemos prontamente a ele. Com isto, cumpre-nos tão somente ressaltar (um aspecto formal e um político): que o presente trabalho segue acompanhado de um conjunto de notas da tradução confeccionadas com o objetivo de auxiliar na melhor compreensão possível deste documento histórico. Esta carta, que vem à tona pela primeira vez numa edição brasileira e em língua portuguesa, será um referencial indispensável para subsidiar a práxis revolucionária em nosso tempo *presente e futuro* – necessariamente anticapitalista, antirracista e antipatriarcal, tal como o verdadeiro marxismo¹³.

¹¹ Ver MARX, Karl. *The Ethnological Notebooks of Karl Marx*. Transcribed and edited, with an introduction by L. Krader. Amsterdã: Van Gorcum & Comp. B.V., 1974. Ver, também, MUSTO, Marcello. *O velho Marx. Uma biografia de seus últimos anos (1881-1883)*. São Paulo: Boitempo, 2018. Ademais, um importante biógrafo brasileiro de Marx, ao apreciar os *Cadernos etnológicos*, ressaltou que “a análise marxiana denuncia e rechaça os preconceitos ideológicos que viciavam muito da antropologia da época” in: NETTO, José Paulo. *Karl Marx: uma biografia*. São Paulo: Boitempo, 2020, p. 680.

¹² Ver MARX, Karl. *Prefácio à Contribuição à Crítica da Economia Política*. São Paulo: Expressão Popular, 2007. Ver, também, MARX, Karl. *Prefácio à edição russa de 1882 do Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Boitempo, 2005.

¹³ Digno de nota é o seguinte fato histórico: depois do congresso socialista realizado em Marselha no mês de outubro de 1869, com o objetivo de instituir o *Parti Ouvrier Français*, o líder operário Jules Guesde (1845-1922), por intermédio de Lafargue, dirigiu-se a Marx e Engels solicitando-lhes ajuda para elaboração de um programa político-eleitoral da organização. Por volta de 10 de maio de 1880, realizou-se uma reunião na casa de Marx em Londres, momento no qual foi elaborado o Programa do Partido Operário Francês, que seria fundado em Le Havre, em novembro daquele ano. O documento foi publicado pela primeira vez em *Le Précurseur*, nº 25, de 19 de junho de 1880, e impresso de acordo com *L'Égalité*, nº 24, de 30 de junho de 1880. Marx ditou todo o preâmbulo para Guesde, exarando, logo na abertura, o reconhecimento de que “a emancipação da classe trabalhadora consiste na emancipação de todos os seres humanos, sem discriminação de sexo e de raça”. Ver MARX, Karl. “Preamble to the Programme of the French Workers’ Party” in: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Marx & Engels Collected Works*. Volume 24. Marx and Engels 1874-83. London: Lawrence & Wishart, 2010, p. 340.

London, 5 March, 1870.

Dear Laura and Paul.

You feel certainly great and good indignation and my prolonged
silence, but you ought to excuse it as the natural consequence
first of illness, then of exhaustion to make up for the former both.

The sad news Paul communicated to us, did not take me by
surprise. Some days before the arrival of this letter I had stated
to the family my serious misgivings as to the little child. I have suffered
myself too much often with love, do not ~~fully~~ sympathize with you
well, for the ^{impersonal} experience I had that all were completely
and consolatory remarks uttered on such occasions imitate real
grief instead of soothing it.

I hope you will send us good news of little Lohappi, my greatest favorite.
The poor dear little fellow must have suffered severely from the cold
so adverse to the nature of his race. I hope M. de Jobineau
has published only a *à peu près* 20 ans, a work in 4 volumes "Les
États de la race humaine" written for the purpose to prove on the
first instance that la race blanche is a sort of god amongst the other
human races and of course, the noble families within the "race
blanche" are regardés le crime de la révolte. I rather suspect that
M. de Jobineau, dans ce temps là, pensait circuler de la légende
de Bruce ou Lancelot, to have sprung not from an ^{ancient} ~~ancient~~
French warrior but from a modern French *houssier*. However
that may be, and despite his spite against the "race noire" I
to with people it is always a source of satisfaction to have somebody
they think themselves entitled to *réprocher* I - he declares *à l'encre*

First page of Marx's letter to Laura and Paul Lafargue of 5 March 1870

Primeira página da carta de Marx para Laura e Paul Lafargue de 5 de março de 1870.

DE MARX PARA LAURA E PAUL LAFARGUE EM PARIS [LONDRES, 5 DE MARÇO DE 1870]¹⁴

Queridos Laura e Paul,

Vocês certamente sentem grande e justa indignação com o meu silêncio prolongado, mas devem desculpá-lo como a consequência natural, primeiro, do adoecimento, depois, do trabalho extra para compensar o tempo perdido.

A triste notícia que Paul nos comunicou não me pegou de surpresa¹⁵. Na noite anterior à chegada de sua carta, expressei à família minhas sérias preocupações quanto ao pequenino. Tenho sofrido muito com essas perdas para não simpatizar profundamente com vocês. Ainda assim, pela mesma experiência pessoal, sei que todos os lugares-comuns sábios e lixos consoladores proferidos em tais ocasiões irritam a verdadeira dor em vez de acalmá-la.

Espero que nos enviem boas notícias sobre o pequeno Schnappy¹⁶, meu franco favorito. O pobre camaradinho querido deve ter sofrido muito com

¹⁴ The Marx and Engels Collected Works, Lawrence Wishart © Esta coleção está disponível gratuitamente online em: www.lwbooks.co.uk

¹⁵ Em carta a Engels enviada na mesma data, Marx relatou ao companheiro o fato de que recebera a triste notícia da morte da filha mais nova de Laura e Paul Lafargue, nascida em 1º de janeiro de 1870 e falecida em Paris em fins de fevereiro do referido ano. Ver MARX, Karl. “Marx to Engels in Manchester” [London, 5 march 1870] in: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Marx & Engels Collected Works*. Volume 43. Letters 1868-70. Londres: Lawrence & Wishart, 2010, pp. 444-446. Marx, solidário ao casal, conhecia na prática a dor da perda de quatro filhos. Karl Marx (1818-1883) e Jenny von Westphalen (1814-1881) casaram-se em 1843 e tiveram sete filhos: Jenny Caroline Marx Longuet (1844-1883); Jenny Laura Marx Lafargue (1845-1911); Charles Louis Henri Edgar Marx (1847-1855); Heinrich Edward Guy Marx (1849-1850); Jenny Eveline Frances Marx (1851-1852); Jenny Julia Eleanor Marx Eveling (1855-1898); e um menino nascido em julho de 1857. No referido ano, Jenny, “aos 43 anos, esperava sua última criança vir ao mundo [...]. No dia 6 de julho, Jenny deu à luz um menino que morreu quase imediatamente [...]. Ela diria à esposa de Ferdinand, Louise, que seu recém-nascido (cujo nome ela não menciona, se é que ele chegou a receber um nome) sobrevivera apenas uma hora antes de morrer: ‘Outra vez uma silenciosa esperança do coração que enterro numa sepultura’. Jenny tinha, então, mais filhos mortos que vivos”. Ver GABRIEL, Mary. *Amor e capital: a saga familiar de Karl Marx e a história de uma revolução*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, pp. 273-274 (nota do tradutor).

¹⁶ Marx refere-se ao seu neto Charles Etienne Lafargue (1868-1872), filho de Laura e Paul Lafargue que tinha acabado de completar dois anos de idade (nota do tradutor).

o frio tão adverso a “*la nature mélanienne*” [“a natureza da melanina”]¹⁷. “*Apropos. Un certain M. Gobineau*” [“A propósito. Um certo Sr. Gobineau”] publicou, *il ya à peu près dix ans* [há cerca de dez anos], uma obra em quatro volumes intitulada *Sur l'inégalité des races humaines* [Sobre a desigualdade das raças humanas], escrita com o propósito de provar, em primeiro lugar, que “*la race blanche*” [“a raça branca”] é uma espécie de Deus entre as outras raças humanas e, claro, que as famílias nobres dentro da “raça branca” são, novamente, *la crème de la crème* [“o melhor dos melhores”]. Eu prefiro suspeitar que o Sr. Gobineau, *dans ce temps là “premier secrétaire de la légation de France en Suisse*” [na época “primeiro secretário da legação da França na Suíça”], tenha surgido não de um antigo guerreiro franco, mas de um *huissier* [auxiliar] francês moderno. Seja como for, e apesar de seu ódio contra a “*race noire*” [“raça negra”] – (para essas pessoas, é sempre uma fonte de satisfação ter alguém que eles pensam ter o direito de *mépriser* [desprezar]) –, ele declara ser “*le nègre*” ou “*le sang noir*” [“o negro” ou “o sangue negro”] *la source matérielle de l'art* [a fonte material da arte], e que toda a produção artística das nações brancas depende de sua mistura *avec “le sang noir”* [com “o sangue negro”].

Fiquei muito satisfeito com a última carta que recebi de minha doce ex-secretária¹⁸, e me diverti muito com a descrição de Paul sobre o *Moilin's soirée* [sarau de Moilin]¹⁹.

¹⁷ Na edição inglesa desta carta (MECW, 43), optou-se por inserir uma nota ao referido termo em francês, expressando a seguinte terminologia (letra d, p. 446) “*dark-skinned creature*” [“criatura de pele escura”]. Faz-se referência aqui às origens étnicas de Paul Lafargue (1842-1911). Nascido em Santiago de Cuba, Lafargue costumava afirmar com orgulho que “o sangue de três raças oprimidas corria em suas veias” (em virtude da sua origem negra, indígena e judaica). Os seus avós paternos eram um francês cristão e uma mulher negra refugiada haitiana. Os avós maternos eram um judeu nascido na França e uma mulher indígena do Caribe [Jamaica]. Ver DERFLER, Leslie. *Paul Lafargue and the Flowering of French Socialism, 1882-1911*. Cambridge: Harvard University Press, 1998 (nota do tradutor).

¹⁸ Marx refere-se a Laura Marx Lafargue, que colaborou significativamente na elaboração, edição e tradução de suas obras (nota do tradutor).

¹⁹ Trata-se de um sarau que foi realizado na casa de Jules Antoine (Tony) Moilin (1832-1871), em que foram discutidos planos de reformas sociais. Moilin era físico e jornalista, um socialista pequeno-burguês que participou da Comuna de Paris. De acordo com a nota n° 564, na página 647 do volume 43 de MECW, este momento foi descrito por Lafargue em carta a Marx em janeiro de 1870. Entretanto, não foi possível localizá-la (nota do tradutor).

Ce “*grand inconnu*” [Esse “grande estranho”] parece finalmente ter encontrado o segredo de alcançar aquela “*gloire*” [“glória”] que até agora sempre escorregou tão traiçoeiramente de seus dedos quando ele tinha acabado de agarrar sua cauda. Ele descobriu que para ser bem-sucedido com o mundo, tudo depende da circunstância de circunscrever o mundo dentro de suas próprias quatro paredes, onde alguém pode se autoneomear presidente e ter uma audiência que jure em *verba magistri* [pelas palavras do mestre]²⁰.

Aqui, em casa, como vocês bem sabem, o domínio dos fenianos é supremo. Tussy é um de seus centros mentais²¹. Jenny escreve em seu nome na *Marseillaise* sob o pseudônimo de J. Williams²². Não apenas tratei do mesmo tema na *Internationale* de Bruxelas, como fiz com que resoluções do Conselho Central²³ fossem aprovadas contra seus carcereiros²⁴. Em uma

²⁰ Marx cita o Livro I, Epístola I de Horácio – *Quinti Horatii Flacci* (65 a. C - 8 a. C.), filósofo e poeta lírico e satírico da Roma Antiga. “As Epístolas de Horácio são o primeiro exemplo conhecido da história da literatura de um corpus de cartas escritas inteiramente em verso, e nesse sentido é o inaugurador do gênero literário”. Ver HORÁCIO. *Epístolas*. Lisboa: Cotovia, 2017 (nota do tradutor).

²¹ Os fenianos eram revolucionários irlandeses, cuja herança cultural e política advinham dos guerreiros da *Antiga Erin* [Irlanda, na língua hiberno inglesa]. Historicamente, as primeiras organizações fenianas surgiram nos Estados Unidos da América por volta de 1850 e, posteriormente, na própria Irlanda. No início dos anos de 1860, a organização secreta, defensora de táticas conspiratórias, era conhecida como *Irish Revolutionary Brotherhood* [Irmandade Revolucionária Irlandesa], cujo objetivo era estabelecer uma República Irlandesa independente através de um levante armado. Os fenianos eram oriundos de segmentos da pequena burguesia e da intelectualidade dos centros urbanos e representavam também os interesses dos camponeses. Nesse contexto, o governo britânico tentou destruir o movimento feniano por meio de um intenso processo de criminalização. A filha caçula de Marx, “Tussy” [Jenny Julia Eleanor (1855-1898)], foi uma dirigente da organização secreta feniana no interior da estrutura da Irmandade Feniana (nota do tradutor).

² A filha mais velha de Marx, Jenny Caroline, escreveu uma série de oito artigos sobre a questão da Irlanda, os quais foram publicados no jornal republicano *La Marseillaise* no período de 1º de março e 24 de abril de 1870, assinados sob o pseudônimo de J. Williams. Um desses artigos foi elaborado em colaboração entre Jenny e Marx. Ver MARX; Karl; ENGELS; Friedrich. *Marx & Engels Collected Works*. Volume 21. Marx and Engels 1867-70. Londres: Lawrence & Wishart, 2010 (nota do tradutor).

²³ Conselho Geral da Associação Internacional dos Trabalhadores (Primeira Internacional) *International Workingmen's Association* (1864-1876) (nota do tradutor).

²⁴ No ano de 1867, os fenianos preparavam um levante armado. No entanto, em setembro daquele ano, o governo e a polícia britânica prenderam e levaram a julgamento os líderes do movimento. Deflagrou-se um processo de perseguição aos fenianos, suas publicações foram fechadas e houve a suspensão da lei de *Habeas Corpus*. No período do verão e outono do ano de 1869 emergiu um intenso movimento de massas na Irlanda em defesa da anistia aos prisioneiros, que contou com o apoio do Conselho Geral da Primeira Internacional. Há relatos de uma manifestação de massas ocorrida em Londres em 24 de outubro de 1869 que exigiu a libertação dos revolucionários irlandeses. Marx e outros dirigentes do Conselho Geral foram responsáveis pela elaboração de um comunicado ao povo inglês em defesa dos fenianos. Ver MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Marx & Engels Collected Works*. Volume 43. Letters 1868-70. Londres: Lawrence & Wishart, 2010 (nota do tradutor).

circular, endereçada pelo Conselho aos nossos comitês correspondentes, eu expliquei os méritos da Questão Irlandesa²⁵.

Vocês compreendem imediatamente que não sou apenas influenciado por sentimentos de humanidade. Há ainda algo mais. Para acelerar o desenvolvimento social na Europa, é preciso impulsionar a catástrofe da Inglaterra oficial. Para isso, é preciso atacá-la na Irlanda. Esse é o seu ponto mais fraco. Perdendo a Irlanda, esfacela-se o “Império” Britânico, e a guerra de classes na Inglaterra, até agora sonolenta e crônica, assumirá formas agudas. Mas a Inglaterra é a metrópole do movimento dos senhores de terra ingleses [*Landlordism*] e do capitalismo em todo o mundo.

O que tem a dizer Blanqui²⁶? Ele está em Paris?

Certamente vocês não tiveram nenhum retorno do meu tradutor, M. K. Estou na mesma situação²⁷.

O livro de Flerovsky, sobre “a situação das classes trabalhadoras na Rússia”²⁸, é um livro extraordinário. Estou muito feliz por agora poder lê-lo

²⁵ Ver MARX, Karl. “The General Council to the Federal Council of Romance Switzerland” in: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Marx & Engels Collected Works*. Volume 21. Marx and Engels 1867-70. Londres: Lawrence & Wishart, 2010, pp. 84-91 (nota do tradutor).

²⁶ Louis Auguste Blanqui (1805-1881). Teórico e revolucionário francês, anarquista, comunista, participante das principais revoltas do século XIX na França, nos anos de 1830, 1848 e na Comuna de Paris de 1871 (nota do tradutor).

²⁷ Marx refere-se ao Sr. Charles Keller (1843-1913), que iniciou a tradução de *O capital* para o francês. Keller foi membro da Seção de Paris da Primeira Internacional. Participante da Comuna de Paris, emigrou para a Suíça após a derrota deste processo revolucionário. Em outubro de 1869 começou a trabalhar na tradução de *O capital*, chegando a enviar o capítulo II do primeiro volume para Marx. No entanto, o trabalho não foi concluído por este tradutor, tendo sido realizado posteriormente por Joseph Roy (1830-1916) e publicado em 1872-75. Em carta assinada em 18 de outubro de 1869, Marx afirmou o seguinte: “Tell Mr. Keller that he shall go on. On the whole, I am satisfied with his translation, although it lacks elegance and is done in too negligent a way” [Diga ao Sr. Keller que ele deve continuar o trabalho. No geral, estou satisfeito com sua tradução, embora falte elegância e seja realizada de uma forma muito negligente”. Ver MARX, Karl. “Marx to Paul and Laura Lafargue in Paris” [18 October 1869] in: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Marx & Engels Collected Works*. Volume 43. Letters 1868-70. Londres: Lawrence & Wishart, 2010, p. 359 (nota do tradutor).

²⁸ V. V. Bervy-Flerovsky (1829-1918), sociólogo, escritor e revolucionário russo. Teórico do socialismo rural, analisou as relações sociais existentes no campo e a discussão sobre a propriedade comunal rural e o comunismo. A obra citada por Marx pode ser consultada no site: НЭБ - Национальная Электронная Библиотека [Biblioteca Eletrônica Nacional] (da Rússia). Ver Берви-Флеровский В. В. Положение рабочего класса в России. Санкт-Петербург: Издательство Н. П. Поляков, 1869. Disponível em: https://rusneb.ru/catalog/000199_000009_003545176/. Acesso em: 24/11/2021 (nota do tradutor).

com certa fluência com a ajuda de um dicionário. Essa é a primeira vez que a situação econômica da Rússia em sua totalidade é revelada. Trata-se de um trabalho cuidadoso. Durante 15 anos, o autor viajou do Ocidente aos confins da Sibéria, do Mar Branco ao Cáspio, com o único propósito de estudar fatos e expor mentiras convencionais. Ele guarda, é claro, algumas ilusões sobre a *perfectibilité perfectible de la Nation Russe, et le principe providentiel de la propriété communale dans sa forme Russe* [a perfectibilidade perfeita da Nação Russa e o princípio providencial da propriedade comunal em sua forma russa]. Mas deixem isso pra lá. Depois do estudo de sua obra, pode-se sentir profundamente convencido de que uma terrível revolução social – em formas tão inferiores como convém ao atual estado de desenvolvimento moscovita – é irreprimível na Rússia e está cada vez mais próxima. Essa é uma boa notícia. Rússia e Inglaterra são os dois grandes pilares do atual sistema europeu. Todo o resto tem importância secundária, até mesmo *la belle France et la savante Allemagne* [a bela França e a erudita Alemanha].

Engels deixará Manchester e, no início de agosto próximo, estabelecerá definitivamente sua residência em Londres. Será uma grande bênção para mim. E agora adeus, meus queridos filhos. Não se esqueçam de beijar o pequeno e corajoso Schnappy em nome do seu

Old Nick [Velho Nick]²⁹.

²⁹ “Com o influxo de sangue jovem no movimento (inclusive suas filhas), Marx e Engels começaram a conversar um com o outro na língua dos veteranos do partido. Marx passaria a se referir a si mesmo como ‘Old Nick’, pois sua barba negra ficara branca”. Ver GABRIEL, Mary. *Amor e capital: a saga familiar de Karl Marx e a história de uma revolução*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p. 403 (nota do tradutor).